

Revisão e contribuição da História da Arte para com o monumento funerário

Maria Elízia Borges (UFG)

O objetivo da presente comunicação é apresentar uma revisão sobre os procedimentos que a historiografia da arte utiliza para referendar os monumentos funerários instalados em cemitérios secularizados. Podemos distinguir três situações distintas que entrelaçam a historiografia da arte com o monumento funerário.

Os tradicionais historiadores da arte sempre fizeram questão de inserir o valor artístico de algumas obras mediadoras entre vivos e mortos construídas desde a antiguidade até o renascimento. Para Regis Debray (1993) “as sepulturas dos grandes foram nossos primeiros museus e os próprios defuntos nossos primeiros colecionadores”. Dentro desta perspectiva, mediante uma seleção pré-estabelecida, Erwin Panofsky fez um livro sobre esculturas tumulares utilizando o método iconológico (1956).

A partir do século XVIII a história da arte emergiu de forma mais sistematizada e os monumentos funerários começam a ser construídos em um espaço particularizado - nos cemitérios secularizados. Ali se instala por longo tempo uma grande produção artística condizente com o momento histórico, condicionado a reavivar os valores da antiguidade clássica. No transcorrer deste período os monumentos funerários passaram despercebidos pelos historiadores da arte que vivia numa sociedade “que aspirava a imortalidade e que pregava o triunfo da vida sobre a morte” (BORGES, 2002).

No século XX, alguns destes cemitérios tornaram-se “museus”, começaram a ser vistos como patrimônio cultural e artístico e pesquisados por várias áreas da ciência humana. Atualmente temos um grupo restrito de historiadores da arte que estudam obras funerárias tomando como premissa a análise iconográfica e iconológica, os aportes culturais e históricos. Citamos como exemplo o caso de Sandra Berresford e Rossana Bossaglia na Itália; Antoinette Le Normand-Romain na França; Clarival do Prado Valladares e Maria Elizia Borges no Brasil, Elizabeth Broman e Annette Stott nos Estados Unidos. O grande desafio no Brasil é rever a relação da história da arte com os artefatos funerários, vistos que ainda hoje como rasgos artísticos a margem da história oficial (VIÑUALES, 2005).

Método iconológico; monumentos funerários; Brasil.